

A Leitura de 'O Coronel Sangrado' e um Mergulho na Amazônia de Inglez de Souza: Uma Proposta Epistemológica do Romance

**A reading of 'O Coronel Sangrado' and a diving into Inglez de Souza's
amazon: an epistemological proposal of the romance**

Itamar Rodrigues Paulino*¹

* Universidade Federal do Oeste do Pará, UFOPA, Liberdade - PA, 68180-000,
e-mail: itasophos@gmail.com

Adriana Aparecida de Figueiredo Fiuza**²

** Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE, Cascavel - PR, 85819-110,
e-mail: adrifiuza@terra.com.br

Francenilce Silva de Paula***³

*** Universidade Federal do Oeste do Pará, UFOPA, Liberdade - PA, 68180-000,
e-mail: nilce.ufopa@gmail.com

Resumo: O presente artigo versa sobre estudos da literatura produzida na maior floresta tropical do planeta, enquanto se mergulha entre banzeiros do imaginário e maresias do real. Intentamos apresentar a literatura efervescente na Amazônia do final do século XIX como expressão de paisagens e peculiaridades socioculturais da região. Desde há mais de cem anos, a Amazônia é registrada sob essa perspectiva. Inglez de Souza é um dos grandes escritores brasileiros que utilizou seus escritos para descortinar a Amazônia. *O Coronel Sangrado*, o último episódio da trilogia de *Cenas da Vida Amazônica* de Souza é primoroso exemplo de expressão de ambiente, tipos humanos e costumes sociais regionais, elementos fundamentais presentes numa escrita literária. No caso da literatura amazônica, o que diferencia é que a produção literária feita na e a partir da floresta demonstra mais do que uma exigência estética, talvez uma necessidade social de atrelar arte à história para falar de espaço sociocultural, do qual o próprio escritor fez parte.

Palavras-chave: Amazônia; Civilidade; Matutice.

Abstract: This article deals with studies on Literature produced at the largest tropical forest of the world, while we dive between the winds of imagination and

¹ Doutor em Teoria Literária pela UnB, e pós-doutoramento pelo Instituto de Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, docente e pesquisador da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), coordenador do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Sociedade, Ambiente e Qualidade de vida (PPGSAQ), e do Programa de Pesquisa e Extensão Cultural, Identidade e Memória na Amazônia (PROEXT-CIMA) da UFOPA. E-mail: itasophos@gmail.com

² Doutora em Letras pela UNESP/ Campus de Assis, com pós-doutoramento pelo Departamento de Filologia Espanhola da Universidad Autónoma de Madrid, docente e pesquisadora da área de Espanhol do curso de Licenciatura em Letras e do Programa em Pós-Graduação em Letras - Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – (UNIOESTE). E-mail: adrifiuza@terra.com.br

³ Mestre em Sociedade, Ambiente e qualidade de vida pela Universidade Federal do Oeste do Pará, pesquisadora do Programa de Pesquisa e Extensão Cultural, Identidade e Memória na Amazônia (PROEXT-CIMA) da UFOPA. E-mail: Nilce.ufopa@gmail.com

the waves of reality. We present the effervescent Amazonian literature in the late nineteenth century as an expression of the region's socio-cultural landscapes and its peculiarities. The Amazon region has been registered under this perspective for more than a century. Inglês de Souza is one of the great Brazilian writers who used his writings to uncover the Amazon region. *O Coronel Sangrado*, the third episode of the trilogy *Scenes of Amazonian Life* is an excellent example of the environmental expressions, human types and regional social customs, all of them fundamental elements present in literary writings. In the case of Amazonian literature, the difference is that the literary production made in and from the forest demonstrates more than an aesthetic requirement, perhaps a social need to link art to history as to speak of socio-cultural space, from which the writer himself is part.

Key words: Amazon; Civility; Matutice

INTRODUÇÃO

Nos tempos atuais, temos visto despontar no horizonte literário questões mais complexas do ser humano amazônida, tais como valores, lidas sociopolíticas, percepções diversas sobre meio ambiente e modos de ver-viver o mundo, que ultrapassam as falas sobre lendas, mitos e contos. Essas questões sobre a Amazônia não são novas. Inglês de Souza, nascido na cidade de Óbidos, no meio do caminho-rio [Amazonas], entre Belém e Manaus, é expressão literária com força regional impar no cenário moderno brasileiro. Esse escritor, influenciado pelas mudanças sociopolíticas e culturais da Europa do século dezenove, cuidou de revitalizar os jeitos de pensar a Amazônia no seu imaginário e na sua realidade.

Os resultados de nossas interrogações sobre a literatura produzida na maior floresta tropical do mundo nos fizeram ter outro olhar sobre a região Amazônica, pois encontramos nela uma riqueza não tão mítica ou fantástica como se apregoa mundo afora. No coração da grande floresta tropical não há somente fauna, flora e flúvio. Há também milhares de pessoas humildes, com suas culturas híbridas herdadas da confluência indígena, negra e branca, com interrelações constituídas a partir da intimidade com elementos da floresta, e com a riqueza de manifestações artísticas, culturais e literárias. Surge daí a necessidade de se apresentar uma Amazônia, habilitada a expressar uma percepção de mundo concebida a partir e por habitantes de suas florestas e cidades, com representações identitárias e culturais singulares e deslocadas do tecido sociocultural nacional.

De início, é importante destacar que há nas obras romanescas de escritores amazônidas certa ausência de explicações argumentativas dos mais diversos eventos

contidos em seus enredos. A aparente ausência de evidenciação, como se fosse deficiência – porque extrapola os limites do formalismo abstrato da narração –, leva o leitor desavisado a ter uma estranha sensação de que o mundo vivido nessa região é um pesadelo ou um sonho do qual não se pode acordar, ou quem sabe, a ter a sensação de estar de fato no mundo, mas sob o efeito estético do imaginário. Inglez de Souza, escritor paraense precursor do Naturalismo brasileiro, servirá de nosso guia na penetração do território imaginário amazônida, torrão que em pleno século XXI não foi plenamente desencantado, e daí produzirmos jogos despreziosos entre *memória e linguagem*.

1 INGLEZ DE SOUZA, DAS VIVÊNCIAS ÀS REMINISCÊNCIAS: NOTAS BIOGRÁFICAS

Herculano Marcos Inglez de Souza⁴, nascido no dia 28 de dezembro de 1853, na cidade de Óbidos, no Pará, e falecido na cidade do Rio de Janeiro em 6 de setembro de 1918, exerceu a profissão advocatícia e jornalística, bem como a de professor e escritor. Considerado o introdutor do Naturalismo na Literatura Brasileira com a produção de uma série de três obras romanescas – *O Cacaquista* (1876), *O Coronel Sangrado* (1877), e *O Missionário* (1891) –, ajudou na fundação da Academia Brasileira de Letras juntamente com seu conterrâneo, o também obidense José Veríssimo e o carioca Machado de Assis, e outros ilustres da literatura na época. Influenciado pelas obras de Eça de Queirós e Emile Zola, Inglez de Souza começou cedo sua produção literária e aos vinte e dois anos de idade já publicava em jornais da cidade de Santos, em São Paulo, pequenos romances que tiveram pouca repercussão nacional. Barreto afirma que essa baixa repercussão pode ter sido motivada por conta de que na época as obras de Souza foram consideradas “eminentemente regionalistas, ambientadas na Amazônia natal do escritor, um paraense da cidade de Óbidos” (BARRETO, 2003, p. 15).

⁴ Em vários textos, o nome de Inglez de Souza é escrito com a grafia S ao invés de Z [Inglês de Sousa]. Contudo, assumimos neste artigo a escrita assinada pelo próprio Inglez de Souza em textos e documentos públicos, abdicando o direito de atualizar a ortografia de seu nome, e corroborando o proposto pela Academia de Artes e Literatura de Óbidos (AALO) de resgatar o nome de fato e de origem do escritor de Óbidos, durante colóquio nacional por ocasião do centenário de sua morte em 18 de setembro de 2018. Cf.: <http://folhadeobidos.com.br/index.php/noticias/item/3818-o-centen%C3%A1rio-de-morte-de-inglez-de-souza?tmpl=component&print=1>

O escritor deixou a cidade de Óbidos ainda em sua infância para estudar em Belém e no Maranhão, e sua formação superior se deu na cidade de São Paulo quando em 1876 se graduou em direito. Após seus estudos na área jurídica, viajou para a cidade de Santos, então província de São Paulo, para desempenhar funções políticas. Militante do Partido Liberal, em oposição ao Partido Conservador, assumiu cargo de Secretário da Relação de São Paulo, e de Deputado Provincial. Seu envolvimento na política foi tão importante que acabou sendo nomeado *Presidente da Província de Sergipe* (1881-1882) e da Província do *Espírito Santo* (1882), por meio de *Carta Imperial*. Após intensa atividade política seguida de trabalhos de reforma do Código Comercial brasileiro (1912), morreu em 1918, na cidade do Rio de Janeiro.

As principais obras literárias de Inglez de Souza⁵, *História de um Pescador* (1876), *O Cacaulista* (1876), *O Coronel Sangrado* (1877), *O Missionário* (1888) e *Contos Amazônicos* (1892), descrevem um universo particular de sociabilidade na Amazônia do século XIX, apresentando com riqueza de detalhes a emergência das famílias modernas na sociedade nortista brasileira. Elas descrevem objetiva e comprovativamente o modo de viver da sociedade amazônica, e para isto não poupou palavras, compondo nos limites da ficção o que a realidade na Amazônia se lhe apresentava. Neste sentido, pode-se afirmar que as obras de Souza estão concentradas na vida social das pequenas vilas ribeirinhas nas adjacências de Óbidos, onde famílias abastadas cultivavam extensas plantações de cacau e na área urbana onde o comércio de boticas era comum (BARRETO, 2003, 16).

Sem o compromisso de apresentar tratados científicos da vida cotidiana na Amazônia, embora compromissado com a objetividade da escrita, Souza procurou uma forma séria e lúdica de tecer em seus enredos percepções aguçadas do contexto histórico e cultural amazônica e dos modos de vida social, explicitando uma diversidade de culturas em processo de hibridização. Assim, Barreto tem razão em afirmar que:

Se é verdade que a obra literária não é um documento histórico tem, porém historicidade, se é inegável que não é um tratado sociológico ou um ensaio antropológico fornece todavia informações, dados e referências a respeito da cultura e da vida cotidiana de uma sociedade em um determinado período da história. (BARRETO, 2003, p. 17).

⁵ As principais obras de Inglez de Souza foram publicadas sob a assinatura de seu pseudônimo Luiz Dolzani, entre elas, *O Coronel Sangrado*, em 1877.

Ressaltamos que Inglez de Souza foi pioneiro no País, na descrição sucinta e objetiva das relações entre cidades paraenses, e sobre temas como a geografia, o comércio, as profissões de referência, influenciando a vida das pessoas. Na série *Cenas da vida Amazônica*, precisamente no romance *O coronel Sangrado*, utiliza-se de seus personagens para, por intermédio da prosa, enveredar no escopo da vida e do jeito de ser do povo da Amazônia, e sua relação peculiar com a floresta, forjando uma *possível condição humana amazônida* de ser, ou *une éventuelle condition amazonienne d'une époque*, conforme apregoa Paulino (2016, p. 543).

Organizada em vinte e seis capítulos, sendo suas partes convergidas e vinculadas a um eixo epistemológico, que conduzirá o leitor ao conhecimento, ainda que ficcional, de aspectos socioculturais e econômicos do povo que vive na Amazônia, a obra narra o conflito interior vivido pelo personagem Miguel Fernandes. A narração envereda pela dualidade entre modernidade e tradição, apresentando conflitos e contrapontos culturais de fatos que representavam antes da ida de Miguel a Belém e seu retorno a Óbidos, sua liberdade e felicidade quando menino da comunidade de *Paranaméri*⁶, em relação à vida citadina regrada por conveniências sociais e obediência ao padrão de vida e valores a que o ser humano moderno está completamente amarrado.

O romance apresenta traços culturais, memoriais e fluidez na apresentação da identidade social por meio da relação de pertencimento dos personagens a uma região entre rios e florestas. O texto é composto de narrações tão detalhadas da vida e de costumes sociais que somente quem já viveu nessas terras teria propriedade em descrever, o que confirma a forte sensibilidade desse autor brasileiro para com a região. *O Coronel Sangrado* possui em sua engenharia arranjos comportamentais de hábitos, valores sociais, relações econômicas e nuances políticas, vividos em terras no interior da Amazônia, no final do século XIX. Problemas de ordem racial, eleitoral, patronal também foram diluídos no romance, dando fluidez aos vértices constituintes do conflito entre Miguel Fernandes e o coronel Sangrado.

Por vezes, Inglez de Souza se utiliza da intromissão do narrador onisciente, que a tudo sabe de seus personagens, para descrever o comportamento dos mesmos no desenrolar do enredo. É como se o narrador ingleziano quisesse informar ao leitor por meio de palavras e eventos os perfis dos personagens, que mais tarde podem ou não

⁶ Conhecido nos dias atuais como Paraná de Maria Tereza, o *Paranaméri* de cima é uma vila distante cerca de uma hora de barco porte pequeno, na entrada do Estreito do rio Amazonas, na margem esquerda, próxima à foz do rio Trombetas. Paranás são locais que dividem um rio em dois braços passando por suas laterais, transformando-os em uma ilha.

servir de justificativa às suas atitudes e comportamentos. Em outros termos, trata-se do que Jozef configurou como estilo de escrita que expressa uma espécie de tessitura viva e fluência dos costumes e hábitos do povo Amazônida, do qual, segundo a autora, Inglez de Souza soube muito bem se valer:

Seu estilo é, na maioria das vezes, escoreito e sóbrio compraz-se na escolha do termo justo e do vocábulo preciso, o que lhe dá encanto e espontaneidade [...] É uma linguagem coloquial, procurando cingir-se ao vocábulo vivo da região. Frequentemente recorre ao estilo indireto livre no diálogo e monólogo mental como meio favorito de fazer ouvir, falar e pensar seus personagens. (JOZEF, 1963, p.12)

Souza é detentor de uma estética literária e de um estilo de escrever cujas disposições referenciais na narrativa são bastante claras como o uso de datações, acontecimentos, localização espacial, personagens, conflitos políticos e do próprio universo cultural das cidades em contraponto à vida interiorana na Amazônia, com seus comportamentos e trejeitos humanos ainda não afetados pela modernidade. Neste sentido, as notas que Ferreira publicou em 1876, no jornal *Correio Paulistano*, sobre Souza, são bastante atuais:

Tanto um como outro são dois trabalhos dignos de nota, dois cometimentos de fôlego que trazem em si a tríplice bondade do interesse no entrecho, de verdade no desenho dos costumes do norte, e da simplicidade e naturalidade do diálogo e no estilo em geral! Ambos são admiráveis fotografias da natureza opulenta do Amazonas, caráter especial do povo e cunho pitoresco de seu viver íntimo e digno de ser devidamente poetizado. Luiz Dolzani, a meu ver, promete ser, dentro de pouco tempo, o romancista por excelência nacional, mais pronunciado que o sr. Alencar, mais abundante que o sr. Juvenal Galeno, mais verdadeiro e correto que o dr. Bernardo Guimarães. (FERREIRA, 1876, p. 56).

Conforme Ferreira, a acuidade de Inglez de Souza em retratar costumes e hábitos do Norte brasileiro parece obedecer a uma intenção geral do próprio autor em fixar em seus romances, cenas da vida Amazônica. Por isso, podemos afirmar que nos romances de Souza o personagem não sofre diante da paisagem que o cerca, ao contrário, ele a incorpora de tal forma em sua vida, que diante dos mais simples gestos a natureza nunca é vista de forma diminuída ou como sufocadora dos acontecimentos. Não é por acaso que a obra de Souza é vista como um importante conjunto documental ecológico e sociológico, pormenorizado numa escrita que evidencia a cultura do cacau e a vida política, religiosa e social do interior paraense (COUTINHO, 2004).

O gesto estético, ou a estrutura estética intencionalmente escolhida por Souza na constituição de *O Coronel Sangrado* é permeada de conflitos e entra em contato com o horizonte do leitor, permitindo-o captar pela sensibilidade um mundo de possibilidades gerado na obra, e construir para si um conhecimento racional sobre o tema e os eventos dele advindos. O gesto estético de Souza é desenvolvido para expressar uma via, que lhe permita compartilhar com o leitor várias percepções do mundo amazônida. No caso do leitor, o gesto estético é constituído com a finalidade de apreender o conteúdo oferecido por Souza para assimilar uma conceituação o mais próximo possível da realidade, e uma percepção fidedigna das cenas regionais e dos costumes locais, configurando as contingências propícias para se apresentar a condição amazônida de ser e viver:

Inglês de Sousa (*sic*), assim, foi antes um filho de sua circunstância. Nascido no amplo cenário do mundo amazônico, ele se ateve à órbita social e humana de pequenas cidades como Óbidos e Silves, onde não havia nada de formoso, mas cuja mesquinhez de vida sem horizontes era descrita com todos os seus aspectos, sem deixar de se subordinar ao valor documentário recomendado pelo movimento naturalista. (LINHARES, 1987, p. 211)

Diante dessas considerações, podemos afirmar que Souza produz em *O Coronel Sangrado* uma estética que nos permite perceber sensivelmente a dinâmica das relações a partir de composições culturais diversas, apregoadas ora como *civilidade* ora como *matutice*, supondo manifestações de culturas diferentes, principalmente quanto ao amor e às paixões, que tendem a gerar comportamentos similares, pois estão ao nível de um tipo de sensibilidade puramente naturalista.

2 CENAS DA VIDA NA AMAZÔNIA: *O CORONEL SANGRADO*

Estamos nos últimos dias de maio de 1870, quando na cidade de Óbidos, localizada no Interior do Pará, não se falava em outra coisa exceto sobre o retorno de Miguel Fernandes a sua terra.

Um rapaz de vinte e dois anos pouco mais ou menos, alto, magro, moreno, de grandes olhos negros e cabelos castanhos. O corpo era elegante, não dessa elegância afetada dos nossos ridículos gomeux; mas de uma elegância natural, quase selvagem. Via-se que a vida das cidades dificilmente moldara à sua feição uma natureza virgem. Por vezes, pelos movimentos bruscos que como descuidadamente o

assaltavam, via-se perfeitamente aparecer o filho do mato sob o invólucro mentiroso do cidadão. Um observador veria sob as vestes da moda bater o peito do matuto ingênuo e simples. Para os que o cercavam, porém, o passageiro do madeira era um moço do tom que viera trazer da capital as últimas modas e as últimas notícias. Era um objeto de inveja, porque decerto excitaria a imaginação de todas as moças da terra. (C.S., 1968, p. 23)⁷

Moço que durante cinco anos permaneceu longe da cidade de Óbidos devido a uma disputa de terra mal sucedida com seu vizinho Ribeiro, conforme relata o narrador:

Era um rapazinho, e pescava pirarucus no Paranameri de cima, quando lhe deu na cabeça brigar com o seu rico vizinho, o Ribeiro, por causa da tal terra de Urucurizal, que não vale dez réis de mel coado; ao mesmo tempo tinha lá a sua queda pela filha do mulato. Naquele tempo os liberais eram tudo nesta terra. Óbidos não era ainda comarca, nem havia juiz formado aqui; por isso o Ribeiro arranjou tudo com o cobre, ganhou a questão, e ainda em cima achou um branco de boa família pra genro. O rapazito, batido na demanda e no namoro, achou que era melhor abandonar a terra, ingrata pátria, e lá se foi voando para a capital. Nisto tudo só vejo a soberba do tal menino, que só por ter sido vencido numa demanda não quis ficar na sua terra e lá se foi visitar as terras alheias. Quem não sabe o que foi a tal questão de Uricurizal? Uma verdadeira tolice, uma briga entre dois vizinhos ambiciosos e rusguentos e nada mais. Para que fazer tanto barulho com isso, como se essa história fosse reviver? E agora, o que vem ele fazer aqui? (C.S., 1968, p. 13).

Com a chegada de Miguel, os moradores de Óbidos tinham curiosidade em saber o que ele viera fazer nessas terras novamente. Das novidades da chegada, sabia o Tenente Coronel Sangrado que o jovem rapaz lhe veio bem recomendado da capital, e que por conta de rixas políticas com Ribeiro, ele teria grande interesse em ajudá-lo:

Fez muito bem seu Miguel de vir – lá isso fez... – tornou o coronel – havemos de mostrar ao patife do Ribeiro que ele não é mais nada aqui em Óbidos. Se ele conseguir oitro (*sic*) dia colocada daqui para fora, foi porque este seu criado não estava metido naqueles assados.... e depois os liberais eram coisa e hoje nada são. Sabe que mais? Havemos de dar uma tunda no mulato, como ele nunca levou na sua vida – vocês não sabem cá quem é Severino de Paiva! Sejam os liberais ribeirinhos os ingleses que eu serei o grande guerreiro Napoleão!...e Depois quem é Ribeiro? Um negro, que se me der na cabeça posso metê-lo na cadeia da noite para o dia! Um velhaco que não faltará por onde se lhe pegue! Eia, conservadores, avante! Não temais. (C.S., 1968, p. 38).

⁷Doravante adotaremos as iniciais C.S. ao fazermos referência à obra *O Coronel Sangrado*, edição de 1967, publicada em Belém, pela editora da Universidade Federal do Pará, 1968.

Miguel, tomado pela causa e afã do Coronel Sangrado em querer vingar-se de Ribeiro por tudo que o tinha feito, mostrou ao tenente que ao contrário do que pensava, ele não havia voltado para sua terra com projetos de vingança.

Há muito tempo que esqueci as injúrias que aqui recebi, e que por forma alguma desejo lembrar-me delas agora. O que me trouxe a Óbidos foi o natural desejo de rever a terra do meu nascimento e de abraçar a minha pobre mãe e obter dela o perdão da minha grande falta. Eu não venho com tensões de guerrear pessoa alguma; pretendo simplesmente estabelecer-me aqui, porque gosto de Óbidos. Oxalá possa eu viver tranquilo, livre das lutas da política, já que não posso ser feliz. (C.S., 1968, p. 39).

Miguel Fernandes, nascido no Paranameri de Óbidos, havia se mudado na juventude para Belém, e viveu na capital por cinco anos, junto à sociedade mais culta do Pará. Isso o levou a adquirir os exteriores do homem civilizado, mas ainda conservava no seu interior algo do antigo pescador do Paranameri. A vida em Belém, textualiza o narrador, conseguiu modificar certos comportamentos e abrandar o gênio do rapaz, mas não o modificou tão radicalmente ao ponto de ele perder suas próprias raízes obidenses. Miguel, diferentemente de outros tempos, almejava agora a paz e a tranquilidade e queria esquecer as injúrias outrora recebidas.

Segundo o narrador ingleziano, não era mais que uma vitória ganha pela cabeça sobre o coração. Homem novo e ilustrado, ele abjurava as mesquinhas ideias de outras eras, mas, mau grado seu, o coração ainda possuía vago ressentimento que não ousava confessar a si mesmo. O que disse ao Coronel Sangrado para justificar sua volta a Óbidos era o que queria, mas não era o que sentia. Pensando que teria de encontrar em breve com seu antigo inimigo, logo se lembrava das antigas inimizades, e lhe reabria a ferida que a vaidade tinha feito, embora tenha prometido a si mesmo colocar-se superior a isto. No meio desse turbilhão de ideias, uma aparecia-lhe de vez em quando límpida e clara, e ao mesmo tempo amargurada e terna. Miguel recordava-se da afilhada do tenente Ribeiro, mulher do Alferes Moreira, sua companheira de infância. E seu pensamento podia resumir-se em um nome, Rita.

Por mais que Miguel tentasse, os cinco anos vividos em Belém não conseguiram banir dele a imagem de Rita. Por onde andava aquele nome estava presente em sua lembrança, como que se o estivesse denunciando sobre as razões verdadeiras que o levaram para a capital do Pará, traduzidas na forma de vingança. Se o desejo de vingança era algo a ser esquecido por conta do reconhecimento de que era apenas um

sentimento passado quando ainda de seu estado de criança ignorante, desamparada e pobre, a lembrança de Rita era algo romanticamente molestatador de sua memória presente.

Dos vagos projetos do primeiro momento, ele tomou a decisão de se mudar para Belém. Encontrou trabalho e forças para um dia voltar a Óbidos e realizar a vingança. Pouco a pouco, porém, sua vida na capital o levou a modificar suas ideias à medida que intelectualizava seu espírito. Com emprego garantido e tempo de instruir-se por meio da leitura, o resultado foi o refinamento de seu comportamento. Seu retorno a Óbidos ocorreu à custa de muito pensar, e projetou seu retorno decidido a esquecer do passado de injúrias que recebera da família Ribeiro. Segundo o narrador, “era isto efeito do poderoso impulso da civilização que lhe alargara a órbita estreita das ideias. Mas já dissemos que, se a civilização lhe modificara as ideias, não havia tido grande influência sobre os seus sentimentos” (C.S., 1968, p. 44). Na casa de Sangrado, do discurso de Miguel veio um silêncio a partir do qual o coronel balbuciou, “o que eu faço agora, que andei dizendo por aí que você vinha guerrear o Ribeiro? Com que cara me deixa você, homem de Deus?” (C.S., 1968, p. 39).

Mesmo sendo alvo dos questionamentos de Coronel Sangrado e seus amigos partidários, Miguel partiu para Paranameri ao reencontro de sua mãe e do seu antigo amor, Rita, ocasião em que também se encontrou com seu antigo inimigo, o tenente Ribeiro. No encontro com Rita, Miguel não conteve sua emoção, tamanho foi o abalo que sentiu com a presença da moça, e apesar de se ter preparado para este momento, o moço não soube o que dizer. Parecia-lhe que aquela moça que estava diante dele era a mesma travessa menina que amou e com quem tantas vezes brincou entre os cacauais, e com a qual tanta familiaridade teve. À sua mente retraçavam-se agora, mais do que nunca, vivas e inapagáveis cenas do passado.

Dos encontros com Rita, Miguel contou com o prestígio do tempo da sua educação, de suas maneiras e vestuários para ferir a imaginação da moça e dominar-lhe o espírito. Porém, foi ela quem o dominou pela graça, pela beleza e pelo poder que sempre ocorre com a pessoa a quem se ama. Ele julgava sair vitorioso e a vaidade pedia-lhe o sacrifício de uma visita à casa do tenente para saciar-se do espetáculo de uma vitória certa. Contudo, foi Rita que o derrotou, o que o fez sair fascinado, louco de amor e de íntimo desespero, sentindo renascer daquele encontro o antigo afeto, adormecido por um momento, e agora agudo, forte e pujante, absorvendo-lhe a razão e dominando-lhe os sentidos. Segundo o narrador:

Não era, porém, já aquele doce amor de criança, puro e simples, que lhe fez brotar na alma virgem sentimentos ignotos, mas calmos como a face lisa do lago da fazenda, embora profundos como o rio; não era já aquela feição sincera que outrora sentira pela Retinha, e que fora um misto de ternura fraternal, de infantil familiaridade e dos primeiros raios de um amor de adolescente; não era mais aquele amor algum tanto romanesco, que lhe inspirava as mais nobres emulações e lhe ensinava a resignação digna de quem se sente mal apreciado; o que Miguel sentia agora pela afilhada do tenente Ribeiro era uma paixão ardentíssima, que já no rosto pálido do mancebo gravava a primeira ruga, e no coração lhe cavava um oceano de desejos contraditórios e de sentimentos estranhos. (C.S., 1968, p. 62-63).

Entre as várias conversas que Miguel teve com Rita, somente uma coisa suscitou-lhe o reconhecimento ao ponto de nenhuma dúvida lhe restar de que cada vez mais estava apaixonado pela afilhada do tenente Ribeiro. Miguel agora vivia em Rita.

Recordava-se dos seus gestos, da sua voz, do seu olhar; as curvas graciosas do seu corpo faziam-lhe ferver no cérebro desejos delirantes; as ondulações do andar causavam-lhe frenesi; a lembrança da sua voz acordava-lhe os mais íntimos ecos do coração, e a imagem do seu rosto moreno e formoso, ligeiramente colorido pela animação da palestra, despertava nele uma força de entusiasmo e de amor, que se apoderava dele todo e o prostrava, como depois de uma longa luta. (C.S., 1968, p. 95).

O Coronel Sangrado, ainda insatisfeito com a decisão de Miguel em não se vingar de Ribeiro, pensou numa solução, a de apresentar Miguel à política e o ter como genro, afinal ele havia percebido na visita de Miguel à sua casa que sua filha Mariquinha havia tido apreço pelo rapaz. Então imaginou um plano:

A rapariga casa com o rapaz e deixo assim de boca aberta todas estas sirigaitas da terra; o Faria é vivo e parece que chorou na barriga da mãe....e daí é capaz de subir até deputado provincial! Então é que eu ponho o pé no cangote do Ribeiro; e depois hei de mostrar ao compadre Anselmo e mais ao Matias e mais essa gentinha toda quem é Severino de Paiva! Quem sabe se bem protegido pelo cônego o rapaz não me há de chegar a vice presidente... e daí havendo uma vaga. (C.S., 1968, p. 49).

Com a ideia em mente, o tenente coronel Sangrado saiu à procura de Antônio Batista, suplente do juiz Municipal e influência do partido conservador na localidade, para explicar sua ideia sobre a candidatura de Miguel Faria ao pleito.

É preciso mudar de gente. Na primeira chapa de vereadores há de entrar o Miguel Faria. O capitão não pestanejou. O Coronel Sangrado continuou depois de uma pausa: - Há de entrar o Miguel Faria, é essa minha ideia. É um rapazola sacudido, já estive no Pará, e tem muito jeito para vereador. Escreve bem, e tem uma letra linda como um traslado... O moço vai mesmo fazer um figurão de arromba e há de deixar de queixo caído o patife do tenente Ribeiro que tem-lhe uma gana, uma gana de todos os diabos. (C.S., 1968, p. 68).

Da resolução que o coronel Sangrado tomou, mal sabia ele que incorreria uma grande traição política por parte de seus amigos do partido conservador, pois estes não tolerariam a ascensão política de Miguel que até então era visto como um moleque que pescava pirarucus em Paranameri. Disso tratavam os amigos do partido, fingindo aceitar seu pedido, mas pelas costas de Sangrado eles articulavam o contrário, sua derrota.

Era na eleição, que se ia verificar no dia 15 de agosto daquele ano, que se devia romper abertamente a luta entre as duas influências rivais do partido conservador; mas essa publicação só haveria depois do combate, feito à traição, que batista meditava, pois não se atrevia ainda a lutar as claras. Ele tomara a candidatura de Miguel, proposta pelo Coronel, como pretexto para a guerra, dizendo – a contrária aos interesses do partido, quando o que ele queria era apenas uma razão para romper com seu antigo protetor e amigo. (C.S., 1968, p. 120).

Ciente da proposição de Sangrado, Antônio Batista procurou os amigos e disse que se anunciava uma grande catástrofe na cidade de Óbidos, o fato de Sangrado querer fazer de Miguel Faria o presidente da câmara. Para produzir maior efeito sobre o auditório, Batista exagerou na tonalidade de sua fala sobre a exigência do Coronel Severino de Paiva, *O Coronel Sangrado*, que se contentava com um lugar de simples vereador para seu protegido. Quando o primeiro momento de surpresa passou, ouviu-se um coro de protesto contra o comandante da guarda nacional de Óbidos. Dos artifícios usados para a efetivação do golpe, havia a troca do nome de Miguel no período das eleições. A coisa há de ser assim, “faz-se a chapa de oito nomes e diz-se ao Sangrado que se lhe deixa o nono lugar para o genro; mas na ocasião descarrega-se a votação toda em outro que não ele, e está tudo arranjado” (C.S., 1968, p. 74-75).

Sem saber de nada, e entusiasmado com sua própria ideia, o Coronel Sangrado começou a pedir apoio dos mais altos escalões aos mais baixos. O narrador descreve assim a forma como ele abordava as pessoas para pedir-lhes voto.

Falou ao boticário Anselmo, ao capitão Matias e a outros muitas vezes, com instancia, não se encontrava com eles que não lhes tocasse no assunto; pedia, prometia, ameaçava. Ao boticário, embora não fosse influência política, mais como tinha muitas relações, prometeu-lhe a freguesia por todo o resto da sua vida e pela dos seus filhos e netos; ao capitão Matias acenava baixinho com o lugar de secretário da câmara, que dava cem mil réis por mês; ao mestre escola prometeu muitos discípulos e ajudá-lo a por um colégio, depois que aposentasse; o coronel não se esqueceu de pessoa alguma; correu os amigos e conhecidos, desde os mais altamente colocados até os ínfimos da escala social; àqueles pedia, invocando a antiga amizade ou prometendo mundo e fundos ou ainda lembrando-lhes que poderia abandoná-los para todo o sempre e até passar para os liberais, se não o atendessem, a estes ameaçava com o recrutamento e guarda nacional ou com algum processo interminável. (C.S., 1968, p. 85).

Diante da malograda disputa política que se sucedia em Óbidos, Mariquinha, a filha do Coronel Sangrado, descobriu que os amigos políticos de seu pai estavam lhe preparando um golpe contra seu pai, e pediu que Miguel a ajudasse na resolução do problema. Pensativo no que fazer, Miguel procurou Antônio Batista, de quem se dizia tratar a todos com lealdade e por ser o verdadeiro chefe do partido de Óbidos. Este o orientou a não contar nada a Sangrado, e que ele tomaria as devidas providências sobre a afronta que planejavam ao coronel.

Miguel, preocupado com a decisão que tomou, resolveu ficar atento e vigiar os passos do capitão Batista. Nesse intuito, ele foi ao ponto de encontro dos conservadores e ao passar perto do ponto dos liberais, encontrou Ribeiro, que lhe conta uma triste notícia, a de que havia perdido seu genro, o Alferes Moreira. Miguel, com aquela notícia, voltou para casa desnordeado, pois sabia que com aquele fato poderia ter Rita em seus braços, e concretizar seu amor, pois ela acabara de se tornar viúva.

Após um momento de imaginação de Rita, Miguel volta-se a lembrar do que lhe fora dito e pedido por Mariquinha. Ele sabe das intenções de coronel Sangrado, que o queria seu genro, e colocá-lo na política; e pensava que se isso ocorresse e se saísse vitorioso das eleições, eles teriam uma relação de favor estabelecida e consumada que lhe lograria consequentemente feitos políticos e sociais na pequena cidade de Óbidos. Entretanto, não era esse seu desejo maior, pois desejava na verdade o amor de Rita. Com todos os acontecimentos que se sucederam e a notícia que soube por Ribeiro, Miguel afasta de sua mente as tolas conveniências sociais e os caprichos do mundo, como o próprio narrador apresenta:

Era uma infâmia que um homem não pudesse ser feliz, que tivesse de dar tanto aos outros que nada lhe restava. O egoísmo da mãe, Dona Ana, de voz carinhosa, revelava-se nele. Que lhe importavam o Coronel Sangrado, a *sonsa* da Mariquinha, as eleições de Óbidos, tudo? O que ele queria era Rita, era o Paranameri, era o Amazonas vasto, para si, para si só, era a vida tranquila, mas cheia de satisfação de desejos por muito tempo nutridos, e recalçados no fundo do peito. Os seus apetites selvagens punham-se em alerta, prontos a devorar, com a gana de um bando de cães esfomeados. Rita, a liberdade, a vida ampla no sítio os dias bem nutridos, as noites bem gozadas na frescura das redes de linho, está aí o que ele queria, está aí o que ele no fundo, desejara sempre. (C.S.1968, p. 34).

O ceticismo, do qual não conseguiu fugir e que o levou à capital, fazia-lhe pensar que a vida era breve e que tolo era quem não sabia aproveitá-la. Queria ser um homem de bem, e não um mártir dos preconceitos. O Coronel Sangrado que se contentasse de ganhar as eleições, e para que ele não pensasse que Miguel o tinha abandonado, este tratou de pensar algo para remediar a traição do capitão Matias e concluiu haver necessidade de obrigar o coronel Sangrado a não falar-lhe mais em casamento. A forma era fazer-lhe perder as eleições. Miguel poderia, com a proposta do coronel, assumir sua vida de cidadão, optando por uma vida regrada a convenções sociais e políticas numa pacata cidade no interior do Amazonas, mas seu coração queria Rita como configuração ideal do que desejava viver no Paranameri.

Chegadas às eleições, Óbidos estava em um enorme rebuliço. A cidade não tinha o aspecto silencioso e pacato dos seus dias normais. Matutos, vestidos de longas sobrecasacas, ou de jaquetas de brim pardo, percorriam as ruas, olhando curiosamente para todas as casas. Grupos se formavam nas esquinas e às portas das lojas mais afreguesadas. Alguns *tapuios* embriagados dormiam sobre as pedras dos passeios, tendo ainda em uma das mãos a garrafa de cachaça já vazia, e ao pé de si o novo par de sapatos de couro branco que lhes havia sido dado como presente de cabala política.

Os políticos disputavam os votantes, até entre os do mesmo partido, porque cada qual queria levar à igreja maior número de votantes. Mercadejava-se o voto. Alguns lojistas se limitavam a fazer a exposição ante as vistas ávidas do tapuio, e a tentá-lo, a fim de que fosse pedir dinheiro aos patrões para comprar algumas daquelas raras e caras maravilhas; outros, porém, eram políticos, ou tinham instrução dos políticos para entregar gêneros até certa quantia aos votantes tapuios, porque cada um deles tinha o seu preço taxado, conforme a importância do voto. Alguns não obtinham mais do que

um porre e um par de sapatos ou uma faca de ponta; outros chegavam a levar sortimento superior à soma de duzentos mil réis.

Depois do partido liberal e do partido conservador terem concordado na garantia de que todos os votantes haviam realizado seus votos, era preciso agora promover o início da contagem dos votos. Feliz, o coronel Sangrado deixou a votação crente de que seu propósito havia se concretizado. Afinal havia realizado o desejo de maior empenho que teve em sua vida, depois que venceu o posto de capitão, em que por muito tempo o deixou marcando passo o ressentimento do coronel Gama.

Enfim conseguiu levar adiante sua ideia de proteger Miguel de Faria e fazê-lo subir acima dos filhos da terra. Muitas vezes ganhou sobre os adversários, mas esta tinha algo em particular, acreditava ter vencido sobre os amigos. Nas outras era um simples instrumento do cônego Siqueira, pois fazia o que lhe mandava, ganhava por isso, e o resultado lhe era pessoalmente indiferente. Neste foi chefe, impôs sua vontade, fez outros seguirem seu capricho, e o resultado assegurava-lhe um ascendente enorme sobre o partido conservador de Óbidos. Certo da vitória pôs-se a esperar o resultado das urnas em casa. Quando menos esperava a lista chegou a sua mão.

Severino não acabou a leitura. À medida que lia o resultado, uma cólera surda lhe subia à mente, demonstrada por uma palidez cadavérica de seu rosto. Seus lábios tremiam e seus dentes rangiam; o nariz arfava, indicando enraivecimento violento. Mal chegou ao último nome dos vereadores suplentes, deixou cair a lista, e voltando-se para o capitão Matias, num acesso de fúria, bradou-lhe: - *Canalha!*

Passado o ocorrido, e diante de uma malograda doença desfaleceu-se Severino de Paiva, acometido por uma febre biliosa, chamada de *hematúrica* ou febre *ictero-hemorragica*, de caráter renitente. Depois do cuidado incansável que prestou sua filha Mariquinha e por responder tão satisfatoriamente ao tratamento, Severino é liberado para receber visitas de amigos desde que as visitas não manifestassem comoção. Assim, quase toda a gente de Óbidos queria lhe visitar, fosse por amizade ou curiosidade, e outros por cumprimento de dever, para descobrir em que pé estava a saúde do tenente coronel. Depois das visitas mal logradas, cheias de falácias, e repercussão da disputa política, o coronel Sangrado irado, pelas lembranças do episódio que sucedeu seu fracasso político, novamente é acometido pela doença. Porém a recaída resulta da notícia do casamento de Miguel com Rita que lhe arrancará de vez as forças e da qual lhe sucumbirá a vida. O coronel Sangrado, encolerizado, atirou-se contra Matias,

agarrou-o pelo colarinho, atirou-o com uma força sobre-humana contra a parede, bradando em tom vibrante e áspero:- *Canalha, canalha!*

Dias depois o coronel falece. Da notícia de sua morte, constituiu todo um cortejo fúnebre, com orquestra da filarmônica “*O Pasmaceira*” que acompanhou o percurso pelas ruas da cidade até a chegada ao cemitério, onde o corpo foi sepultado. Logo depois, ainda sob o cometimento da morte do coronel se encontrava sentada à rede, cabelos aos ombros, Mariquinha, cobrindo o rosto com a mão, chorando seu isolamento por causa da morte de seu pai e do casamento de seu amado Miguel com Rita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O enredo de Inglez de Souza apresenta elementos na forma de *epistemes* conectadas ao conceito de cultura. O escritor explicita situações que servem para uma discussão apropriada sobre conflitos cotidianos numa cidade no meio da floresta, às margens do rio Amazonas, entre Belém e Manaus. Conflitos que refletem sentimentos universais como inveja, vingança, preconceitos e as tramas típicas das cidades interioranas, que são perfeitamente possíveis de existir e, por isso, são objetos da literatura. Souza apresenta uma realidade típica da região ao desenrolar boa parte de sua história nas zonas de várzea, principalmente em Paranameri, um pedaço de terra margeado pelo rio Amazonas que é dividido em dois braços, ficando o terreno às vezes encharcado das águas abundantes e propiciando fertilidade ao solo em período de vazante. O narrador ingleziano evidencia por diversas vezes esse local, chamado atualmente de *Paraná de Maria Tereza*, como lugar onde acontecem disputas por terras e tramas amorosas.

A leitura de *O Coronel Sangrado* é uma experiência que exige forte toque de sensibilidade, pois com sua estrutura estética permite ao leitor vivenciar na sua contemplação imaginativa como seria a vida do século XIX, na região amazônica. Neste sentido, o que diferencia a obra de Inglez de Souza de outras é a linguagem própria da região que, como elementos constituintes da trama, provocam o desenrolar de temas políticos, mesclados a casos e conflitos amorosos e sociais. Tais casos podem somente ser resolvidos com a decepção e a morte do herói traído, em articulação com a vitória do protagonista anti-herói que, para realizar seu sonho de alcançar o coração da mulher

amada, filha do inimigo político de seu preceptor político, e seu inimigo por desavenças passadas, abdica da carreira política proposta pelo Coronel Sangrado.

Nesse aspecto, o narrador traça um perfil político-partidário na Amazônia do Século XIX, apresentando o emaranhado das disputas políticas eleitorais, destacando armações, dissimulações e barganhas constituintes de processos eleitorais em terras do interior amazônico. Não seria esse cenário uma profecia de como o político brasileiro faz sua atividade nos tempos atuais? É destacada na obra a realização de disputas políticas e barganhas por votos no período do Segundo Reinado. Entre os trunfos utilizados por políticos conservadores e liberais estavam promessas, coações e traições.

A arquitetura de *O Coronel Sangrado* apresenta emaranhados políticos que dão ao leitor uma solução final plausível ao enredo o que obriga o escritor a produzir o corte de um dos vértices do triângulo amoroso, e assim resolver inteligentemente a trama política. Não é por acaso que o vértice do triângulo a ser eliminado acabe recaindo sobre Mariquinha, que ao final estará chorando a morte do pai, o Coronel Sangrado, e a perda do amado.

Finalmente, percepções racionais, ligadas à sensibilidade, que ocorrem durante a leitura de *O Coronel Sangrado*, nos convencem que o senso de unidade humana que possibilita a apresentação de uma condição amazônica de ser, é aparentemente a não mudança dos tempos, ou seja, a manutenção da tradição que beira ao atavismo de uma época e que rejeita a mudança. Ao penetrar com sensibilidade na internalidade do romance vivenciamos uma experiência epistemológica que nos faz “olhar” a subjetividade humana e responder às contradições com um tipo de interpretação que possibilita reconstruir, ou ainda construir, valores que garantem a digna existência.

Se Miguel com sua traição ao Coronel se serviu de mentiras e traições, tal como seus contrapontos, para conquistar a amada, isso é uma questão que pode ser discutida. O fato é que as tramas em *O Coronel Sangrado* são espelhos universais, ambientados esteticamente na Amazônia, fazendo dessa terra um lugar comum, e literatura de formação, de fronteira, somente é possível quando o ambiente é um lugar comum, e os eventos sirvam de componentes de reflexão da existência humana.

No romance *O Coronel Sangrado*, analisado à luz do contraponto estabelecido entre a vida da cidade grande [civilidade] e a vida da cidade pequena ou do interior [matutice], há tessituras dos modos de vida que o narrador parece apresentar na forma de contraponto, a vida do matuto e a vida do civilizado. Nesse sentido, diferentemente do processo de hierarquia civilizatório pensada no século XIX, a obra de Souza

evidencia um povo diverso, com características próprias, e trejeitos próprios, habituados ao ritmo de vida da Amazônia, que serve de emblema à ruptura do conceito cultural de hierarquização, aquele em que Tylor propõe estágios gradativos de cultura desde a selvageria, passando pela barbárie até alcançar o estado civilizatório (TYLOR, 1871).

Souza não somente rompe com o conceito como também atesta que o povo amazônica, não menos civilizado, apresenta em suas culturas a prevalência de um povo plural, reflexo de suas identidades culturais, sejam elas de civilidade que se encontra com a matutice, sejam elas de matutice que se pensa a si na relação com o dito civilizado. Ao final o que importa é que vivemos as mesmas condições amazônicas de ser e existir.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, Mauro Vianna. *O romance da Vida Amazônica. Uma leitura Socioantropológica da Obra de Inglês de Sousa*. São Paulo: Letras à margem, 2003.
- COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. v. 4. São Paulo: Global, 2004.
- FERREIRA, Carlos. *Luiz Dolzani*. Em: Correio Paulistano, São Paulo, 28 maio 1876.
- JOZEF, Bella. *Inglês de Sousa: Textos escolhidos*. Col. Nossos Clássicos, nº 72. Rio de Janeiro: Agir, 1963.
- LINHARES, Temistocles. *História Crítica do Romance Brasileiro: 1728-1981*. Belo Horizonte: Itatiaia / São Paulo, Edusp. Col. Reconquista do Brasil, 2ª série, vol. 116-1118, 1987.
- PAULINO, Itamar Rodrigues. *Entre les remous de l'imaginaire et les houles du réel : un regard sur la littérature amazonienne brésilienne dans la contemporanéité*. Em: OLIVIERI-GODET, Rita (org.). *Cartographies littéraires du Brésil actuel*. 1ª ed. Bruxelles: Peterlang, 2016. v. 14.
- SOUSA, Herculano Marcos Inglês de. *O Coronel Sangrado*. Col. Cenas da Vida do Amazonas. Belém: UFPA, 1968.
- TYLOR, Edward Burnett. *Primitive culture: researches into the development of mythology, philosophy, religion, art, and custom*. 2 vols. London: John Murray, 1871.

Data de recebimento: 28/04/2020
 Data de aprovação: 10/12/2020